

CORPO SEM FIM – ESTRANHAMENTO EM DERRIDA, NANCY E GULLAR

Priscila Branco (Doutoranda pelo PPGLEV-UFRJ)

RESUMO

Este ensaio tem como objetivo comparar a obra *Circonfissão* (1996), *O intruso* (2000) e o poema “Reflexão sobre o osso de minha perna” (2010), respectivamente de autoria de Derrida, Nancy e Gullar, à luz do estranhamento com o próprio corpo e da escrita como uma experiência a ser construída através desse estranhamento. Os três textos carregam consigo um traço de autobiografia, uma vez que transformam vivências reais em literatura: Derrida, através da memória da circuncisão; Nancy, ao passar por um transplante de coração; e Gullar, ao apalpar seu osso. Este ensaio também assume certo tom autobiográfico, caminhando junto dos questionamentos dos três autores aqui tratados.

Palavras-chave: Corpo; estranhamento; escrita; Derrida; Nancy; Gullar.

ABSTRACT

This essay aims to compare the literary work *Circonfissão* (1996), *O intruso* (2000) and the poem “Reflexão sobre o osso de minha perna” (2010), respectively written by Derrida, Nancy and Gullar, concerning the strangeness with our own body and the process of writing as an experience to be built through the same strangeness. The three texts carry along a trace of autobiography, once they transform real life experiences into literature: Derrida, through the memory of the circumcision; Nancy, as he has undergone a heart transplant; and Gullar, when he touches his own bone. This essay also assumes the touch of the autobiography, walking together with the questions made by the three authors here studied.

Keywords: Body; strangeness; writing; Derrida; Nancy; Gullar.

“O que é isto que é o corpo?” - É a pergunta que o filósofo francês Jean-Luc Nancy faz no começo de seu livro *Corpus* (NANCY, 2000). É possível responder essa questão? Um corpo, à primeira vista, pode-se dizer sempre próprio, pertencente a alguém ou alguma coisa. O corpo de meu avô, que foi se deteriorando no hospital universitário e depois foi velado com muito sofrimento e lágrimas dos familiares. O corpo de Derrida, que foi circuncidado, e é esse ato de invasão a si mesmo que sempre retornou até escrever *Circonfissão* (DERRIDA, 1996) e que, após escrito, continua voltando nos olhos de quem lê. Meu corpo, que adocece e que vejo no espelho, parece tão meu, mas nem sempre. A pergunta feita por Nancy levanta o questionamento do estranhamento com o corpo, tanto no campo do autobiográfico quanto da criação literária, uma vez que Derrida transforma sua experiência de vida em texto e este ensaio apresenta também vivências de quem o escreve.

O corpo é passível de espanto e de falta de explicações. Não pertence, mas é a condição mínima para que haja um “eu” que enuncia e que se estranha com suas partes. Esse susto pode vir de dentro de nós, de um osso que range; de um coração que falha e nos leva à possibilidade esquecida, porém sempre latente, da morte, do apagamento, mas também ao renascimento, quando passamos por um transplante; de uma cicatriz ou coagulação, a presença da ausência, que permanece ainda em nossa morada, trazendo em sua própria existência um ato de intrusão. O osso, o coração e a cicatriz ou coagulação: são, respectivamente, os estranhamentos que trataremos neste ensaio em Gullar, Nancy e Derrida. Nos três momentos, existe esse outro que se intromete, seja através do toque ou apalpar (em Gullar), do corte (em Derrida) ou do transplante (em Nancy).

Um outro corpo que nos toca, que nos olha e observa, que está fora dos limites do que está dentro de nós e de nossa pele, pode também nos levar ao estranhamento e ao desdobramento de nós mesmos. Não só um duplo ou vários dele nascem a partir do eu que se desloca de um corpo, mas também surgem com o contato com outros corpos, com intrusos que nos perfuram, nos rasgam, arrancam-nos pedaços ou simplesmente nos levam ao espanto de forma emocional ou psicológica.

“De tais espantos somos feitos”, disse Ferreira Gullar em seu poema “Relva verde relva” (GULLAR, 2010, p.42). E não é espantoso o papel que cumpre nosso corpo, seja sozinho, seja no contato com um outro? Essa possibilidade de nos chocar ao sentir um coração que bate dentro de nós ou ter uma seringa arrancando-nos o sangue (DERRIDA, 1996, p. 12) e por que também não o sono? Já que desvelamos o invisível, como poderemos dormir sabendo que há bactérias e vírus dentro de nós, corpos estranhos, e algo que pode nos invadir, rasgar nossa pele e deixar marcas de invasão? Justamente a insônia, a representação das preocupações e da ansiedade desse eu que enuncia, é o que não deixa o corpo descansar, prende a consciência de estar vivo ao nosso sistema nervoso, impedindo que nosso corpo se desligue e adormeça.

Corpo estranho ou não, são suas partes conectadas, seus sistemas funcionando independente de nós, que nos mantêm vivos. O nosso estranho, antes tão familiar, que tece um acordo de vida ou morte conosco. Aceitemos a estranheza e nossas infinitas duplicidades, aceitemos e brindemos à vida enquanto ainda respiramos e temos a possibilidade de sentir os outros corpos, e até o mundo inteiro, em contato dinâmico com o que somos.

||

O sangue, em sua etimologia do Latim, pode ter duas definições: a do que circula nas veias, ou seja, o sangue vivo, aquele que transporta em nosso corpo o movimento necessário para que ele funcione; e o sangue que está fora de nós, já morto em si, o despreendimento com a totalidade. Aquele vem do vocábulo “sanguis”, e este de “cruor”. Se há duas palavras para definir o que entendemos como sangue, é porque há duas possibilidades de compreendê-lo, o que na prática leva as relações com o sangue por dois caminhos distintos:

O sangue começa logo a escorrer, circulando na própria pele, justamente sob a última camada exposta ao fora. O sangue que jorra de uma ferida traz em latim um nome específico, *cruor*, que o distingue de *sanguis*, o sangue que circula dentro do corpo. *Cruor* designava inicialmente a carne sangrando, o que em francês se chama *viande* e que se distingue de “carne” (*chair*) (como em inglês há *meat* e *flesh*). A *viande* está morta e pode ser comida *crua* (dizemos também “vermelha” ou cozida (a palavra *viande* vem de “vivenda”, o que serve para viver). A carne (*chair*) pode servir para

qualificar a *viande* (“uma carne macia”), mas a palavra designa primeiramente a integralidade e integridade do corpo vivo, segundo a tradição latina (*caro*) do hebreu *basar* (que significa, em primeiro lugar, a substância mole do corpo e só depois o corpo das criaturas enquanto tais, na sua fragilidade). (NANCY, 2015, p. 56)

Em sua primeira perífrase de *Circonfissão*, um livro que retoma diversas memórias do autor e questionamentos sobre o ato de escrever, Derrida apresenta a reflexão sobre o vocábulo *Cru*: “discutir-lhe assim o cru[...] como se a ele me apegasse para arranjar-lhe encrenca sobre o que falar cru quer dizer”. Exploreemos as possibilidades desse vocábulo: pode tanto significar algo que não passou por nenhuma modificação, que está em seu estado natural, como também o sangue que escorre para fora do corpo por através de uma ferida. Será que este sangue expelido por nós é o sangue nu, aquele que, uma vez fora do corpo, consegue encontrar seu estado independente de ser o que é, de não pertencimento a nós mesmos? Além disso, ao começar por esse vocábulo, não estaria Derrida em busca do próprio começo, da “cruza” de sua escritura?

Ao lembrar do “cru”, Derrida diz que é “como se obstinasse até sangrar”. Ou seja, falar o cru é um falar também cru, aquele que se encaminha para a origem, o início de seu significado: o que sangra. Impossível aqui não fazer um paralelo direto com o ato de ser circuncidado, que é uma questão essencial para compreender o livro de Derrida no que diz respeito à circuncisão e à confissão: a perda de uma pele e de sangue através de um corte que nos invade e deixa uma ausência, normalmente feito enquanto ainda somos recém-nascidos ou crianças, nosso aparecimento enquanto seres que surgem no mundo. Falar o cru é confessar sua circuncisão na escritura, mesmo que já disso saiba, assim como confessamos a Deus, que tudo sabe¹, nossos pecados. É remeter ao cru de sua origem relacionada à perda de uma parte antes reconhecida como sua, mas que, uma vez fora, o *sanguis* de sua pele se torna *cruor*.

Então o aparecimento de uma veia. A veia é a parte de dentro de nós intermediária com o que é externo, é por ela que o sangue flui em nosso corpo e é também por ela que ele se esvai: “a palavra plural de um desejo para o qual todos os outros desde sempre pareciam, a

¹ Essa visão de Deus como detentor da sabedoria de todas as coisas é retirada de uma nota de rodapé do livro de Derrida, p. 14, citando Santo Agostinho.

confluência, precipitar-se, uma ordem suspensa em três palavras, encontrar a veia” (DERRIDA, 1996, p. 12). Mas é preciso encontrá-la, antes de tudo, para que o sangue flua, sem achar a veia não é possível a exteriorização.

Na segunda perífrase, Derrida relaciona o encontrar a veia com o encontrar a escritura. A seringa, esse corpo estranho que nos invade, pode ser comparada a uma caneta. Assim como o sangue que está em nosso corpo sai de nós e se torna outra coisa que não nossa, também a escrita funciona dessa forma: ao colocar palavras no papel e transformar uma ideia, um pensamento ou qualquer coisa que se sinta em poesia, literatura, escritura, qualquer coisa que veio de nós deixa de ser nosso, para ser algo do mundo, flutuante sem pertencimento.

O sangue, ao sair de sua veia encontrada, transforma-se no cru a que ele se refere no começo da primeira perífrase. O estranhamento com algo que antes lhe era familiar (o *sanguis*) surge: “sou eu porém mais nada tenho com isso”. Mais nada tem com isso, pois aqui houve, a partir de uma intrusão, a retirada de algo que antes tinha como seu, e, agora, ao olhá-lo de fora, parece-lhe qualquer coisa que não tem mais relação com esse eu enunciante:

[...] o espírito não deixa de fazer brilhar seu desejo vindo do fora: que essa pedra, essa samambaia, essa mulher só surjam saindo de si, oferecendo-se aos ventos, aos fogos, aos encontros. Nessa exposição, um corpo não é somente estranho para os outros. Ele só o é sendo igualmente estranho para si mesmo. Um corpo se estranea, se estranha. É a estrangeirice e a estranheza para si de uma alma jorrada, expelida, do não lugar do espírito. (NANCY, 2015, p. 46)

Depois, o que Derrida chama de “o glorioso apaziguamento”. O momento após o espanto com o sangue fora do seu corpo, a estranheza de olhar para uma parte sua que agora está fora, morta. Ele volta ao estado de normalidade, de “paz”, em que se encontrava anteriormente, a familiaridade retorna em glória e não há mais o choque de não se reconhecer em algo que antes era seu. Ele insere a questão da memória, ao olhar para o sangue retirado, ao momento da circuncisão – sua pele sendo cortada, assim como o sangue. A pele cortada tornou-se também um outro fora dele mesmo.

Se pensarmos na noção de trauma como sendo algo que retorna e nos causa dor ou susto, a circuncisão sempre retorna em círculos para Derrida pois é um trauma, uma

repetição. A noção de algo que antes nos era familiar e se torna estranho também pode ser fruto desse retorno:

Pois é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma ‘compulsão à repetição’, procedente dos impulsos instintuais e provavelmente inerente à própria natureza dos instintos - uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas; uma compulsão que é responsável, também, por uma parte do rumo tomado pelas análises de pacientes neuróticos. Todas essas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre esta íntima ‘compulsão à repetição’ é percebido como estranho.² (FREUD, 1925, p. 14)

A circuncisão volta o tempo todo. Não só pela imagem que se associa ao sangue que sai de sua veia, mas porque deixou uma cicatriz, uma coagulação. Isso ficará para sempre em seu corpo, a lembrança de que há um outro fora de si, que lhe é estranho, a falta da pele ali deixou uma marca, essa presença que representa uma ausência. Se é a seringa o intruso que lhe arranca o sangue, e a caneta quem escreve suas palavras, é sua mãe a intrusa que lhe permitiu o corte na pele ainda criança: “o lance do pôquer não cabe senão à minha mãe” (DERRIDA, 1996, p. 11). No início da primeira perífrase, Derrida afirma que gostaria de aumentar a aposta em relação ao “cru”, mas logo em seguida lança a responsabilidade sobre sua mãe, mostrando que a relação entre escritura e o sangue fora do seu corpo, que já não lhe pertence (como vimos anteriormente, ao observarmos a etimologia de “cruor”), tem direta ligação com o papel de sua mãe em sua vida e escrita e o retorno dessa figura em sua memória.

O que advém da intrusão é sempre essa marca que antes não estava ali, o toque do outro, sempre essa cicatriz. É isso que permite que a circuncisão sempre volte, é o que permite também que se confesse sempre. Encontrar a veia, é o que nós, como leitores, devemos fazer. Achar o momento exato onde o que era *sanguis* se torna *cruor*, não só em Derrida, mas em nós mesmos.

² Sigmund Freud, *O “Estranho”*. Trad. Alix Strachey. 1925, p.14. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbmFpbnxhbmFrZXluZXNzaXRlfGd4OjczZDE5NDk5YzI4ZmM1Mw>



O espanto com o corpo pode se dar pelas razões mais distintas. Uma delas é quando algum órgão para de funcionar e precisamos de um transplante. Da mesma forma como um coração bate sozinho, sem nossa autorização e sem nem mesmo compreendermos o processo de sístole e diástole corretamente, ele também pode morrer sozinho. Quando um órgão falha, transplanta-se. É sobre isso que Nancy fala em *O intruso* (NANCY, 2000), texto também de caráter autobiográfico (o autor passou realmente por um transplante do coração): a estranheiridade e intrusão de um outro dentro de seu corpo, e as perguntas sobre o que é esse corpo que falha e esse eu que ali existe.

“Se meu próprio coração me largava, até onde ele seria ‘meu’ e meu ‘próprio órgão?’” Como dizer corpo “próprio” se nosso corpo e suas partes existem independentemente de nós? E o que é esse “nós” que enuncia? Está em algum lugar dentro do corpo? É o que podemos chamar de consciência? A noção de corpo “próprio” pode ser desconstruída para a de um corpo “apropriante”:

Corpo seria a experiência desta paisagem, que antes de mais nada não é própria [...] Embora isto não invalide, de resto, a possibilidade de continuar a chamar *kairos* (ou chance) ou «revolução» (ou coléra, e desafio lançado ao inapropriável), aos acontecimentos de apropriação (ou de inapropriação). Um corpo não é «próprio»: é apropriante/inapropriante. (NANCY, 2000, p. 96-97)

A partir do questionamento do corpo como algo que não é propriedade de ninguém, surge a pergunta sobre quem é o eu que enuncia e que não tem posse de um corpo. Se o corpo não é meu, o que é esse eu que eu sou? Há o desdobramento do eu em relação ao corpo que não é mais seu, e do eu que diz com o eu que é dito: “Recebi (quem, ‘eu?’ é precisamente a questão, a velha questão: qual é este sujeito da enunciação, sempre estrangeiro ao sujeito de seu enunciado [...])” (NANCY, 2000, p.5). O estranhamento com o próprio corpo leva também ao desdobramento do eu “próprio”: “imersão em mim de um ‘eu próprio’ que nunca tinha se identificado com este corpo, menos ainda com este coração, e que se olhava subitamente”.

O estranhamento com o que antes era familiar, seu coração, é causado obviamente por ele não ter mais como continuar funcionando. Mas só foi possível a noção dessa estranheiridade porque ela veio de dentro: “Meu coração tornou-se meu estrangeiro: justamente um estrangeiro porque ele estava dentro” (NANCY, 2000, p. 8) Como disse anteriormente, é graças a esse espanto que nasce um outro duplo (ou outros mais): “Alguns outros: os meus próximos, mas também os médicos, e eu mesmo enfim, que me descubro mais duplo ou mais múltiplo do que nunca” (NANCY, 2000, p. 10). Ao Nancy criar um duplo em relação ao seu corpo, não há outro caminho senão o da morte: “Assim, o estrangeiro múltiplo que faz intrusão na minha vida [...] não é outro que a morte, ou antes a vida / a morte: uma suspensão do contínuo de ser” (NANCY, 2000, p. 16):

Originalmente, o ‘duplo’ era uma segurança contra a destruição do ego, uma ‘enérgica negação do poder da morte’, como afirma Rank; e, provavelmente, a alma ‘imortal’ foi o primeiro ‘duplo’ do corpo. [...] O mesmo desejo levou os antigos egípcios a desenvolverem a arte de fazer imagens do morto em materiais duradouros. Tais idéias, no entanto, brotaram do solo do amor-próprio ilimitado, do narcisismo primário que domina a mente da criança e do homem primitivo. Entretanto, quando essa etapa está superada, o ‘duplo’ inverte seu aspecto. Depois de haver sido uma garantia da imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte. (FREUD, 1925, p. 12)

Todas essas questões são levantadas ainda em relação ao coração de Nancy que falha. Quando partimos para o coração, o outro, que irá receber em seu organismo, as perguntas se expandem. Já que é um outro, um estrangeiro, um intruso que fará com que seu corpo funcione, como pode em qualquer dia este corpo ter sido seu? Ao mesmo tempo, é a partir de cada pequena parte do corpo que faz possível o eu ser, questionar, viver.

Para Derrida, a circuncisão é algo que sempre volta em círculos, a cicatriz do corte permanece para sempre ali, deixando a marca da retirada de uma pele que não é mais sua e de um intruso que o cortou. Uma vez introduzido o coração de um outro em Nancy, ele também sempre retorna: “Uma vez que está aí, se ele permanece estrangeiro, durante todo o tempo em que o permanece, em vez de simplesmente ‘naturalizar-se’, sua vinda não cessa: ele continua vindo” (NANCY, 2000, p.3). A cicatriz em seu peito, assim como a cicatriz da circuncisão, sempre lembrará o que havia antes ali. E para além disso, no lugar onde antes

havia um coração que era “seu”, há o de um outro ocupando esse espaço que ficou vazio, um intruso.

Também nunca cessarão os desdobramentos do eu, uma vez gerado o espanto, pois há essa conexão direta de tornar-se intruso e estrangeiro a si mesmo a partir do momento em que o intruso o invade e já não reconhece seu corpo como seu. “Que estranho eu!” (NANCY, 2000, p. 21), e como não ser estranho após descobrir que o corpo e o coração próprios não lhe pertencem, e que se este eu que questiona essas coisas só existe porque ali está o coração de um outro? E será mesmo de um outro? Como pode outro haver um coração, já que coração é apropriante e não próprio?

IV

Se para Derrida, o deslocamento do eu se dá a partir de uma pele arrancada de seu corpo e encontrar a veia é sinônimo de possibilidade de vida (sanguis) e de morte (cruor), e para Nancy o coração é mais frágil que a duração do eu, mesmo que sempre desdobrável, em “Reflexão sobre o osso da minha perna” (GULLAR, 2010, p. 31-32), poema de Ferreira Gullar, é o osso que permanece, mesmo depois da morte da consciência, ou seja, desse eu que enuncia: “A parte mais durável de mim/ são os ossos/ e a mais dura também” (GULLAR, 2010, p. 31).

O estranhamento com o osso acontece no momento em que poeta percebe que um dia morrerá, mas seus ossos permanecerão. É sua parte mais “durável”. Dura mais que tudo, até mesmo que esse eu que se questiona agora sobre os ossos. Novamente a pergunta: Como podem os ossos serem nossos, serem próprios, se, mesmo após o apagamento de nós mesmos enunciadores e também enunciados, eles permanecerão? Em outro poema do mesmo livro, ele afirma, contrastando com a duração dos ossos: “a parte mais efêmera/ de mim/ é esta consciência de que existo” (GULLAR, 2010, p.40). Neste poema, também os ossos duram mais do que tudo que ouve e pensa e até mesmo mais do que a própria arte que produz: “mais do que tudo que invento/ e minto.”

O título do poema é uma reflexão. É a busca pelo sentido da pergunta feita por Nancy: “O que é isto que é o corpo?” No caso de Ferreira Gullar, o que é isto que é o osso? De tão distante de si, nem afirma que lhe pertence, mas pertence à sua perna. Como tentar explicar esse estranhamento com osso, que permanecerá independente do eu estar vivo ou não? A escritura, a poesia, podem cumprir esse papel de busca. Mas talvez seja apenas uma forma de confessar o que já sabe, e permanecer sempre nessa dúvida:

Escrita não quer dizer mostrar, ou demonstrar uma significação. Mas indica um *gesto para tocar no sentido*.[...] O seu próprio toque - que é de veras o *seu* - é-lhe por princípio retirado, espaçado, apartado. E é isso a escrita: que o contacto estranho advenha, e que o estranho permaneça estranho no contacto.[...] Escrever endereça-se assim. Escrever é o pensamento endereçado, enviado ao corpo - àquilo que o aparta, àquilo que o estranha.[...] Já que *é a partir do meu corpo* que eu estou endereçado *ao* meu corpo[...] É a partir do meu corpo que *tenho* o meu corpo como algo que me é estrangeiro, expropriado. (NANCY, 2000, p. 18-19)

O poeta “apalpa” a perna. Ou seja, tenta reconhecer através do tato, da escrita, este corpo, este osso que se difere tanto de quem ele é. Mas esse toque é espaçado, como disse Nancy na citação, e o osso torna-se estrangeiro a partir desse próprio endereçamento.

Por outro lado, reflexão também pode ser o reflexo do eu enunciante quando olha o osso. O reconhecimento de si, nele. Reflexo, porém, é outra coisa que não mais nós mesmos. Até o tempo em que nos olhamos no espelho difere do eu que olha para o eu que é olhado - a luz demora um tanto de tempo para ser transportada e recriar uma imagem.

Um osso é tão distante de nós que o associamos sempre à morte. Ao contrário da veia, que transporta a vida dentro do corpo, o osso é o que resta, mesmo quando o corpo apodrece. O osso é o “fóssil”, o que há de mais primitivo, que ultrapassa a própria consciência. Ele também é, na verdade, o que supera a morte. É o que de nós ainda fica no mundo. “Este osso/ dito perônio/ é, sim,/ a parte mais mineral/ e obscura/de mim” (GULLAR, 2010, p. 31) - como explicar um osso? Tem vida própria quando existe sem nós?

O poema termina com a pergunta: “o osso/ este osso/ (a parte de mim/ mais dura/ e a que mais dura)/é a que menos sou eu?” Novamente, o espanto a partir de algo que lhe é familiar. No poema, esse susto só é possível a partir da própria reflexão, da consciência, da escrita. É esse processo de consciência, talvez super efêmero, sobre um eu que enuncia e uma

parte de si que é outra – o osso. O desdobramento de um duplo, justamente ao caminho da morte: o osso irá durar, será peça de museu, enquanto o eu que enuncia já não mais existirá.

Como Derrida compara o sangue com a escritura, também é possível tecer esse paralelo entre osso e poesia no poema de Ferreira Gullar. O osso é o que permanece após a morte do eu enunciante, e não é a poesia também isso que permanece? Ao escrevermos um poema, já não encontramos mais em nós o que transportamos para ali, é uma duplicação, uma tentativa de alcançar o sentido.

No fazer poético, apalpamos a poesia, mas há essa carne e essa pele entre nós e ela. Há um eu que fica e um eu que vai. Ao escrever, a poesia é o que menos somos?

V

Da veia que carrega o sangue, passando por um coração que falha e chegando a um osso que perdura. O tripé de um estranhamento com o corpo dito próprio e o desdobramento de duplos. Em Derrida e Nancy, o retorno desse susto a partir das cicatrizes, em Gullar, a volta do espanto através da reflexão. Essa incompreensão, perguntas abertas e sem respostas, sobre o corpo retornam aqui neste ensaio. Em mim, sempre voltará a partir dessas leituras e do que aqui escrevo. Já é impossível olhar o corpo e não me sentir estrangeira.

A escritura e a poesia como formas de explicar esse estranhamento, e gerando, a partir delas, mais estranhamentos. Mas ainda assim, escrever como a única forma de tocar o sentido do corpo, mesmo que escrevê-lo seja também o fruto desse próprio espanto, a transformação do corpo num trauma que se repete.

Um corpo não pode ser definido como uma finalidade ou como um sustentáculo, então não como um lugar. Não moramos em nosso corpo, não moramos em parte alguma, ele pode ser compreendido como uma experiência:

Experitur: um corpo, uma *psique*, tenta, é tentada, tocada, faz a tentativa, arrisca, é arriscada, é levada a vir àquilo que ela «já» é, mas «já» na sua vinda, não pré-suposta, *existindo por essência de um modo não pressuposto*. Vai e vem de imediato – já, no mesmo instante, e leva toda uma existência – até aos bordos: nada mais e nada menos que nascer e morrer, circunscrever, inscrever e *excrever ao mesmo tempo* o lugar

múltiplo de um corpo.[...] Dado que não se pode enlaçar a totalidade de um corpo, como o mostra o amor, e a dor, e que os corpos não são nem totalizáveis nem fundados, não pode haver experiência *do* corpo, assim como não há experiência da liberdade. Mas a própria liberdade é a experiência, e o próprio corpo é a experiência. (NANCY, 2000, p. 98 e 100)

Também escrever o corpo é essa experiência, é o próprio caminho que se percorre, sem uma finalidade específica. Falar o corpo e sentir ressoar por todo o texto a repetição deixada pelas marcas, pela memória. Uma experiência nunca é em vão, ao contrário, é a única possibilidade de tocar a vida.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. **Circonfissão**. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

FREUD, Sigmund. **O “Estranho”**. Trad. Alix Strachey. 1925, p.14. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxhbmFrZXluZXNzaXRlfGd4OjczZDE5NDk5YzI4ZmM1Mw>

GULLAR, Ferreira. **Em Alguma Parte Alguma**. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio LTDA, 2010.

NANCY, Jean-Luc. **O Intruso**. Trad. Priscila C. Laignier [et al]. Paris: Éditions Galilé, 2000.

_____. **Corpus**. Trad. Tomás Maia. 1.ed. Lisboa: Vega, 2000.

_____. **Corpo, Fora**. Trad. Márcia Sá Calvalcante Schubak. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.